

## **NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E O DISCURSO JORNALÍSTICO: A NECESSÁRIA REINVENÇÃO DO PASSADO**

**Aluno: Augusto de Guimaraens Cavalcanti**  
**Orientador: Fernando Resende**

### **Introdução:**

Este trabalho busca uma investigação e uma reflexão sobre as narrativas policiais na cidade do Rio de Janeiro presentes no Jornal do Brasil do início até a metade do século XX. Para essa proposta, a pesquisa procura traçar um diálogo entre o jornalismo e o espaço urbano. A partir de uma análise histórica da formação do discurso jornalístico no Brasil e de um olhar sobre a cidade daquela época, buscamos entender o contexto e o cotidiano, para analisar as narrativas do jornal. Os jornais surgem nos grandes centros urbanos e neles, os relatos do banal e aspectos da oralidade aproximam-se do cotidiano, tanto da cidade como do próprio jornal.

### **Objetivos:**

A recuperação histórica de uma narrativa jornalística desse período é fundamental para que possamos reavaliar o que conhecemos a respeito da formação do discurso jornalístico no Brasil. Desse modo é importante analisar as narrativas de jornal da primeira metade do século XX que, aparentemente não se propõem a profetizar o fato, mas a construir um cotidiano na medida em que ele acontece. A partir desta recuperação histórica, pensamos o espaço urbano e as narrativas da imprensa como lugares no qual há sempre alguém que neles transita. Sob essa perspectiva, procuramos entender o jornalista como um estrangeiro que, ao cruzar o espaço urbano, encontra-se também na própria narrativa que cria nos jornais. O jornalista é assim visto como um detetive do espaço urbano, alguém sempre atento aos acontecimentos e às suas narrativas.

### **Metodologia:**

As narrativas jornalísticas encontradas nos jornais da primeira metade do século XX, de modo geral, apresentam um caráter literário e são de extrema importância para a reinvenção de uma narrativa mais plural e, portanto inserida no espaço urbano que o jornalismo tem como objeto. Desse modo, a pesquisa aborda as narrativas policiais do Jornal do Brasil na busca de identificar traços que possam defini-las como narrativas de resistência inseridas no espaço urbano – considerando sua multiplicidade de vozes e sentidos – que se redesenhava na cidade do Rio de Janeiro. Este espaço, considerado lugar de conflito entre culturas e posições sociais, ainda que sujeito a um amplo projeto de modernização, apresenta adversidades que são diariamente narradas pelo jornalismo. Neste contexto, a análise das narrativas policiais leva em consideração o que se constituía como jornalístico naquela época, em contraposição ao discurso jornalístico que seria estabelecido como norma a partir dos anos 50. Se a cidade aparentemente segue em busca de um ordenamento, o jornal – que busca imprimir nos seus textos uma lógica moderna, funcionalista e de cunho objetivo – parece seguir o mesmo caminho. Assim, o que tem a narrativa e o discurso jornalístico a nos dizer sobre este processo? A pesquisa busca entender o espaço urbano como lugar fragmentado e a comunicação, mais especificamente o jornalismo, como prática na qual esses ruídos se manifestam; ruídos, muitas vezes compreendidos como sujeira pela ótica moderna, que passam a ser

fundamentais para a nossa análise. A rua, que também é vista como lugar caótico e desordenado, passa a ser o lugar de conflito ideal para que possamos melhor compreender a formação do discurso jornalístico no Brasil. Nesta pesquisa, o olhar lançado às narrativas, antes mesmo dos preceitos teóricos que determinam o que é o discurso jornalístico, é o que nos faz melhor compreender o seu processo de formação.

### **Conclusões:**

Um resultado que a investigação inicial da pesquisa chega é a constatação de que no período das narrativas estudadas aspectos literários tinham primazia diante da ausência de uma técnica jornalística instituída, fato que permitia que as narrativas jornalísticas fossem mais investigativas, ricas e complexas. Nesse sentido, muitas das narrativas de reportagens eram escritas como novelas que, na primeira pessoa, expunham mistérios, através de um uso, muitas vezes excessivo, de adjetivações. Eram textos polissêmicos, ricos de sentido, que muito dialogam com a cultura urbana. Esta observação muito contribuiu para que pensássemos o jornalista daquela época como um detetive do espaço urbano, que fazia do jornal um lugar para narrar as suas próprias investigações.

### **Referências:**

- [1] BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras: 1986.
- [2] CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel: 1993.
- [3] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes: 1994
- [4] CORTÁZAR, Julio. *Historia de cronópios e famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- [5] GOMES, Renato Cordeiro. Cenas Urbanas: identidades em fragmentos e crise da representação. IN: *Comunicação, representações e práticas sociais*. Pereira & Gomes & Follan (orgs) - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Idéias & Letras, 2004.
- [6] MAFFESOLLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk: 2003.
- [7] MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- [8] NETO, Afonso Henriques. *Cidade Vertigem*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.
- [9] RESENDE, Fernando. *O olhar às avessas - a lógica do texto jornalístico*. São Paulo: ECA/ USP, 2002 (tese de doutoramento).
- [10] SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- [11] MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin de siècle*. São Paulo: Scritta, 1993.